

*A Educação Infantil Comunitária
na Rocinha*

Breve histórico

2004

**Documento organizado pelo núcleo de Educação Infantil comunitária
da Rocinha composto pelas seguintes instituições:**

Creche-ASP (Ação Social Padre Anchieta)
Creche Maria Maria
Centro de Recreação Lápis de Cor
Creche Primavera
Escola Moranguinhos
Pintando o Sete
Centro de Recreação Catavento Mirim
Creche-Arte Tio João

Apoio:

Ciespi (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância)

Apresentação

O presente documento é um instrumento que dá visibilidade a ações educacionais criadas com seriedade, que formam um conjunto único com objetivo comum – a infância e sua formação integral. É uma ferramenta cidadã que pretende valorizar as práticas comunitárias, voltadas para a criança, que vêm sendo desenvolvidas na Rocinha e abrir um debate com relação às definições e decisões relativas à Educação Infantil na cidade, mais especificamente na comunidade, e às políticas públicas que as regulam.

A educação é aqui entendida de forma ampla no sentido de uma prática que intervém na formação de sujeitos (crianças, pais, familiares e educadores) para que não sejam peças manipuláveis de uma engrenagem, mas sim participantes ativos da sociedade. Educação para a expansão da autonomia, como é abordado pela pesquisadora Beatriz Costa no livro *Educação Popular: prática plural*:

(...) autonomia no sentido de cada um se regular a si mesmo, pessoalmente e socialmente, e não ser regulado pelos outros. Autonomia como algo inseparável da solidariedade (reconhecimento da reciprocidade). Só reforço a minha autonomia numa relação de reciprocidade, se solidariamente a reconheço, a desejo e a reforço nos outros, como condição da transformação profunda da nossa sociedade e de nós mesmos.

A Educação Infantil na Rocinha trilhou seus próprios passos ao longo dos anos vivenciando, no dia a dia, urgências específicas de uma comunidade em permanente crescimento. As inúmeras iniciativas comunitárias estimularam o surgimento de instituições particulares voltadas para o atendimento do grande contingente de crianças locais. É de fundamental importância que as ações comunitárias e particulares formem uma rede integrada e solidária a caminho de uma educação ampla, lúdica e transformadora.

Com o olhar atento, cidadãos comprometidos com a criança e suas múltiplas necessidades, sintonizados com o presente, aprendendo com o passado e ligados no futuro, contam essa história.

Um pouco da história da Rocinha

Contam os moradores mais antigos que de 1890 a 1910, entre o morro Dois Irmãos e o maciço da floresta da Tijuca, existia uma fazenda com uma bela cachoeira e nascentes que desaguavam na praia da Gávea, atual praia de São Conrado. Após 1924, a fazenda foi vendida e dividida em alguns lotes que se transformaram em sítios adquiridos por estrangeiros. Alguns comercializavam seus produtos - frutas, hortaliças e legumes - nas feiras dos bairros vizinhos. Sendo produtos muito apreciados, os clientes perguntavam: “De onde vêm tudo isto? Ah, da rocinha, rocinha, eh!” Assim surge Rocinha como denominação do local.

Em função dos sítios, o povoado começou a crescer com uma população composta em sua maioria por descendentes de ex-escravos e nordestinos que chegavam na cidade do Rio de Janeiro em busca de trabalho. A Gávea, um bairro operário e ponto final da linha de bonde, abrigava uma concentração de cidadãos à procura de trabalho que, não tendo onde morar, tomavam conta de sítios e ocupavam alguns lotes. Apesar

de reprimidos pelas autoridades, não desistiam da busca pela moradia e trabalho e viam no local uma alternativa de sub-vivência.

Relatos de lembranças revelam também que o local foi refúgio de escravos e que na mata da Tijuca, no alto do morro, existe um sítio arqueológico com vestígios de um possível quilombo. Esta é uma história a ser revisitada e que pode estar ligada ao recente levantamento feito pelo historiador Eduardo Silva, registrado no livro *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura*. Diz ele:

Se quisermos fugir para o quilombo do Leblon, a primeira coisa a fazer é encontrar a velha rua do Jardim Botânico. A partir daí podemos nos imaginar deslizando calmamente em direção ao Largo das Três Vendas, sentados em nosso bondinho puxado a burro.

Na rua Jardim Botânico, podemos ver o renque de palmeiras e, à nossa frente, a pedra dos Dois Irmãos. Quem quiser fugir para o quilombo do Leblon não pode perder a grande pedra de vista. O Largo das Três Vendas, ponto final dos bondes e centro comercial da progressista Freguesia da Gávea, foi transformado em praça Santos Dumont. A rua Marquês de São Vicente era o portal de entrada para a área mais povoada da Freguesia, onde estavam as chácaras mais antigas e onde circulavam as pessoas em busca dos bondes e do pequeno comércio.

Esse imenso quebra-cabeça que segue sendo montado através de pesquisas, documentos, relatos e lembranças é fundamental para recuperarmos a história dos excluídos que ainda não foi contada.

A Rocinha hoje

Pelo censo do IBGE a Rocinha apresenta o pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Rio de Janeiro.

A forma como a comunidade constituiu-se durante os anos não foi diferente das demais favelas do Rio. A falta de políticas públicas destinadas à população marginalizada sempre contribuiu para que houvesse os chamados aglomerados sub-normais (denominação utilizada atualmente pelo IBGE).

Com uma área ocupada de 877.575 m², segundo dados de 1999 do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP – RJ), a Rocinha cresceu com total falta de infra-estrutura sendo hoje considerada a maior favela da América Latina com uma população estimada em mais de 150.000 habitantes (informações que instituições comunitárias locais utilizam para elaborarem seus projetos). Dados curiosos entretanto nos chamam atenção: em agosto de 1978, a revista *Veja* publica a existência de 145.000 moradores na comunidade; no ano de 1989, o jornal *O Globo* declara que, segundo a 27ª Região Administrativa, a população da Rocinha estaria estimada em 250.000 habitantes; em 2000, o IBGE demonstra que a comunidade tem uma população de 56.388 com 16.999 domicílios; hoje, com base nos 27.000 relógios instalados pela Light e nas ligações de TV a cabo, estima-se um mínimo de 120.000 habitantes. Ficam no ar as perguntas: Quantos moradores existem hoje de fato na Rocinha? Quantas crianças circulam diariamente pela comunidade? Quantas crianças em idade escolar frequentam escolas formais ou informais?

Hoje a comunidade vive a dicotomia de ser favela e bairro (determinação decretada em 1993). Esta passagem não apresentou melhorias para a comunidade que

continua com falta de direitos essenciais - saneamento básico, segurança e lazer. Os poucos e precários serviços públicos que funcionam na comunidade - escolas, postos de saúde e outros - não suprem o mínimo para a grande demanda, o que contribui cada vez mais para a péssima qualidade de vida local.

Paradigma da Educação popular

O “Paradigma da Educação Popular” (PEP) é aqui compreendido como um conjunto de idéias políticas, filosóficas e pedagógicas que nasceram com os Movimentos de Educação de Base e Cultura Popular no final dos anos de 1950 e início de 1960, e que cresceram no interior da resistência popular dos anos de 1970 e início de 1980. Alguns pontos de honra deste paradigma são: a valorização da cultura popular; a centralidade atribuída ao diálogo, à ética, à democracia no processo de construção de relações sociais mais justas; a necessidade de ter como referência constante, ao longo de qualquer processo pedagógico ou de mudança social, a realidade de vida dos educandos e a forma com que eles encaram esta realidade – a relação entre conhecimento e politização, entre educação e movimentos sociais; o estímulo à participação dos educandos em todas as fases do processo educativo; a atenção ao pequeno, ao miúdo, ao cotidiano; a tentativa de fazer com que o ensino seja também pesquisa, uma investigação curiosa sobre a realidade.

(Revista Tempo e Presença, número 272, nov-dez/93)

História da Educação Infantil na Rocinha - Depoimentos

Personagens dessa história, atuantes no cotidiano e construtores dessa comunidade, lembram e falam sobre o tempo, as mudanças, a infância e as muitas realidades da Rocinha. Traçam uma linha evolutiva da educação na comunidade que parte de necessidades essenciais e transforma-se em alternativas viáveis que se reinventam a cada dia.

Ana de Lima Soares

Moradora da comunidade

Depoimento recolhido em fevereiro de 2004

“ Eu estudava na Almirante Tamandaré que hoje é as Sendas e estudava no reforço com a D. Lurdes na Cachopa. Essa senhora já até morreu, era uma professora muito boa. Me ensinou além de aprender a ler, me ensinou artesanato, fazer tricô, crochê, bordado, ela ensinava tudo. Minha mãe pagava e ela ensinava.”

“ A maioria das mães que trabalhavam fora, levavam seus filhos pras casas de família, como eu tenho amiga minha que criou os filhos em casa de família. Outras deixavam com as mães que eram senhoras de idade, que tomava conta das crianças, tomava dos vizinhos, do outro vizinho. E surgiu a creche em fundo de quintal. Quem tinha uma

salinha pequenininha foi agregando 1, 2, 10 até que surgiram as creches. E foram surgindo com muita dificuldade, difícil, dinheiro curto... mas surgiu.

“A Marina eu conheci ela, família pobre, humilde, e ela fez uma creche em fundo de quintal, mas com muita dificuldade, com uma doação daqui, dali, de acolá ela conseguiu o que é hoje. Assim é a creche da D. Eliza, a creche da Railda, todas elas com muita dificuldade, mas conseguiram apoio do órgão público e sempre conseguiram subir mais. A D. Eliza então, conseguiu na PUC. Então com a PUC aquela creche virou uma benção.”

Gonçalina Norberto Araújo Pereira

Fundadora, Educadora e Conselheira da ASPA
jornal O Globo, abril de 1984

“ Com a escola comunitária é diferente, a gente conhece a família, quando passa eles vêm saber da criança, o contato é mais fácil” explica Gonçalina com relação à dificuldade de entrosamento dos professores da rede municipal com a comunidade.

Eliza Piroza

Educadora da Creche D. Eliza
jornal O Globo, abril de 1984

“Eu mando minha menina ir na casa deles (alunos) acordar porque tá na hora da escola. Vou lá, se tem algum problema, a professora vai lá e vê o que tá acontecendo”.

Viviane Rodrigues da Silva

Escola Moranguinhos
Depoimento recolhido em setembro de 2004

“Há tempos atrás os pais tinham tempo para educar e criar os filhos, as mães estavam sempre presentes durante o dia. Por elas terem muitos filhos, as coisas foram ficando difíceis e com isso algumas mães tiveram que trabalhar fora para ajudar em casa .Elas deixavam as crianças com vizinhos ou até mesmo em casa com o filho mais velho. Hoje não, é diferente. Elas ainda trabalham mas deixam as crianças nas creches e escolinhas que existem em nossa comunidade.”

Sandra Carneiro Lino

Escola Pintando o Sete
Depoimento recolhido em setembro de 2004

“Tinha a Pastor Belarmino, uma escola pública, mas a gente não podia freqüentar por causa da idade. Ficava no final da Via Ápia. Primeiro eu fiquei na Luiza que era como uma explicadora hoje. A Luiza tinha um mesão de madeira em casa. A mãe da Luiza dava pensão em casa, aí depois que acabavam de comer naquele mesão grande e comprido, ela liberava a mesa, o pessoal ia embora e chegavam as crianças na parte da tarde para estudar. Várias idades, não tinha só 5, 6 anos. Depois fiquei lá na D. Djanira por muito tempo. O ensino era muito tradicional. Eu só me lembro desse método dela que era de copiar. O alfabeto, as vogais, as palavras, aí copiava, copiava, copiava, chamava pra ler, uma coisa bem maçante. A pré-escola, antigamente não tinha, é o lado de ensinar brincando. As crianças tinham que ir pra escola já pra

aprender a ler e a escrever. Não tinha essa parte legal, prazerosa que tem hoje na pré-escola de ter um teatro na escola, de ter uma musicinha, de ter uma brincadeira com a professora. E agora você tem criança até de 2 anos na escolinha.”

Clelta Carneiro Belmiro

Escola Pintando o Sete

Depoimento recolhido em setembro de 2004

“Não tem mais espaço. As crianças estão ficando dentro de casa que não é grande, não tem espaço pra eles. Se essa escolinha aqui está oferecendo alguma coisa que eles não têm por aí, não têm em casa, se tirarem essas escolinhas, aí vai ficar pior mesmo porque eles não vão ter nada. Se os governantes tirarem isso, as crianças vão perder muito. Tem criança que as mães dizem que no final de semana querem vir pra escola. Por quê? Porque aqui oferece alguma coisa de lazer pra essas crianças que os pais não têm condição de dar em casa. Aqui tem os amiguinhos, aqui tem os escorregas, o balancinho, as pinturinhas. Em casa não pode pintar porque vai sujar as paredes. Então se tirar isso, o que essas crianças vão ganhar mais? As crianças de 2 anos, de 3 anos, vão ficar em casa chorando porque os pais não conseguem cuidar. Hoje as coisas são muito corridas. A mulher tem que trabalhar. Antigamente não. Mas hoje as necessidades são maiores. A mulher tem que ajudar o marido. Era difícil antes porque o dinheiro do marido não dava, mas a gente não podia deixar os filhos sozinhos. Não tinha escola. Não tinha creche naquela época, escola que deixe integral. Então a mulher tinha que se sujeitar a ficar em casa, não tinha com quem deixar. Hoje já tem escola na comunidade.”

A Educação Infantil na Rocinha hoje

Nas últimas décadas, o procedimento da ação educativa na primeira infância na comunidade da Rocinha vem acontecendo de forma crescente. A comunidade está consciente da necessidade do estímulo e do aprendizado na idade de 0 a 6 anos, resultando na motivação e no fortalecimento dos educadores, confiando nas suas capacidades e sua importância educacional.

Dividida em 17 localidades ou sub-bairros (Barcelos, Rua 1, Rua 2, Rua 3, Rua 4, Cachopa, Roupas Sujas, Vila Verde, Macega, 199, Vila Cruzado, Laboriaux, Boiadeiro, Dionéia, Cidade Nova, Valão Cesário), as creches e escolas vêm fazendo um importante trabalho para aprimorar a Educação Infantil na região, apesar das grandes dificuldades que algumas instituições têm passado por não terem apoio e nem financiamento de entidades mantenedoras.

Hoje existe um total estimado de 50 instituições comprometidas com a Educação Infantil (creches, escolas, centros de recreação), que atendem a um número aproximado de 2.500 crianças e geram empregos para moradores da comunidade. Os educadores têm objetivos comuns – educar e ensinar; ser solidário com as necessidades individuais da criança presenciando a real situação do local onde as crianças residem; favorecer o desenvolvimento da criança em sua capacidade para relacionar-se com as pessoas, sentirem-se queridas, apoiadas, desafiadas e compreendidas para que, confiantes, façam suas descobertas e se comuniquem com a sociedade fora da Rocinha. As instituições oferecem, sobretudo, vivências e experiências prazerosas – teatro, passeios, brincadeiras, música, ballet, capoeira, etc - além de proporcionar cultura, amor, carinho, compreensão. Busca-se a qualidade contínua.

Apesar desse número aparentemente elevado de instituições, necessárias devido à imensidão da comunidade, a demanda não é totalmente atendida. Existe espaço para todas e muitas outras na medida em que ainda podem ser vistas crianças perambulando pelas ruas e vielas, vendendo balas em sinais de trânsito, sem vínculo com qualquer instituição de ensino.

Diante da necessidade que existe na comunidade, os educadores – em sua maioria moradores da comunidade - têm dinamismo e criatividade para lidar com a realidade cotidiana das crianças que são carentes de espaço livre para correr, de acesso a bens culturais, de opções de lazer, etc. Com a finalidade de aprimorar sua atuação, vêm reunindo-se para debater assuntos de interesse comum, em encontros de capacitação e seminários abrangendo diferentes temáticas – políticas públicas, aprendizagem lúdica, educação ambiental, reciclagem, etc.

A integração das instituições voltadas para a infância, em particular as de Educação Infantil, mostra-se um caminho essencial para a troca permanente de experiência, reflexão e busca de reconhecimento por parte das instituições públicas e particulares de fora da comunidade.

Para fortalecer e alavancar essas iniciativas, é importante haver suporte do poder público e da sociedade civil considerando o que já é feito na Rocinha, ao invés de criar novas propostas que partam da estaca zero como se, ao longo dos anos, nada estivesse sendo feito por aqueles que vivem e trabalham no local.

A aliança entre o poder público e a sociedade civil assume nos dias atuais posição decisiva para o êxito da política educacional.

(representante da UNESCO; encontro de Cuiabá sobre Cidades Educadoras)

A família da Rocinha - perfil

A família na Rocinha é formada em média por 7 (sete) pessoas entre avós, filhos e netos, oriundos da classe trabalhadora, em sua maioria emigrados do interior do Estado do Rio de Janeiro e dos diferentes estados brasileiros, mais particularmente das regiões norte, nordeste e sudeste.

Uma das principais questões que envolve os núcleos familiares da comunidade, hoje é o alto índice de gravidez precoce. Com 60% da população constituída por jovens, tem-se aí uma alta projeção no número de crianças que será gerado nos próximos anos.

Este quadro familiar se agrava pela baixa escolaridade e falta de uma formação profissional dos responsáveis pela criança, gerando dificuldade de emprego. Uma das conseqüências mais imediatas é o trabalho infantil. Inúmeras crianças passam a contribuir para renda familiar carregando bolsas de compras nas portas de supermercados, transformando-se em pedintes, sendo levados à prostituição ou sendo cooptados pela criminalidade.

Aqueles responsáveis que conseguem trabalho no mercado informal recebem entre meio e três salários, pagando alugueis para morar em casas pequenas e insalubres e de difícil acesso.

Importante também considerar que são as mulheres – mães ou avós - que, em sua grande maioria, assumem a responsabilidade pela criação das crianças separadas da figura paterna.

É fundamental o apoio à família na tarefa de oferecer condições favoráveis para que a criança desenvolva suas potencialidades. Baseado nos estudos e pesquisas feitos pela Doutora em Sociologia, Irene Rizzini, temos que

A família, nas formas variadas de organização, é o principal locus de socialização e reprodução das relações sociais. Os pais e o núcleo familiar, de laços consangüíneos ou não, exercem um papel fundamental na formação de suas crianças, sendo os principais responsáveis pela sua criação e educação, cabendo ao Estado apoiá-los nessa tarefa.

As famílias de classes populares vêm, historicamente, sendo apontadas como inadequadas, incompetentes e incapazes de cuidar de suas crianças. O foco tem sido, predominantemente, nas suas faltas, problemas, fracassos e deficiências.

O Estado que muito contribuiu para a construção do discurso de família desestruturada, incompetente e carente, pouco ou nada ofereceu em suas ações, serviços, ajuda e orientação à família.

Deseja-se mudar a mentalidade corrente de que se podem planejar políticas e propor alternativas para a criação, formação e educação das crianças e adolescentes sem levar em consideração a voz dos próprios e de suas famílias e comunidades.

Propostas, Princípios e Estatuto

Em 2003, uma série de oficinas e encontros foram realizados na ASPA e no Ciespi/PUC com o intuito de propor vivências que valorizassem a ludicidade no processo educacional, de aproximar educadores e instituições da comunidade, de promover o debate em torno da formação da criança e de discutir a nova legislação que rege a Educação Infantil.

As mudanças na legislação e a necessidade de cumprir inúmeras exigências que não levam em conta a realidade local gerou mobilização. Foi feito um levantamento das instituições voltadas para a infância existentes na Rocinha, identificando o número de crianças atendidas e as dificuldades encontradas para a legalização. Com o apoio da 27ª Região Administrativa, buscou-se negociar com a Prefeitura uma solução para os impasses vivenciados.

Como resultado das iniciativas promovidas em 2003, formou-se um núcleo de educadores, que periodicamente se reúne com o objetivo de refletir e articular ações que fortaleçam o trabalho de educação realizado ao longo dos anos na Rocinha.

Algumas propostas vêm sendo pensadas como forma de alavancar a Educação Infantil na Rocinha:

- O fortalecimento do núcleo de instituições que reflita e proponha permanentemente alternativas para a Educação Infantil na comunidade, que busque soluções para impasses surgidos na prática cotidiana, que partilhe conquistas;
- O intercâmbio de informações entre redes e fóruns formados por instituições de Educação Infantil de outros locais da cidade e do estado;
- A criação de um núcleo de profissionais de formação acadêmica, de áreas essenciais para o desenvolvimento integral da criança (pedagogos, nutricionistas, assistentes sociais, psicólogos, etc.), que possam assessorar o conjunto de instituições da comunidade;

- A aproximação e a troca de informação entre as instituições de organização comunitária e as escolas públicas que atendam a crianças da Rocinha;
- A criação de alternativas para a ampliação do conhecimento, para a complementação de estudos e para a formação de profissionais que atuam há anos na comunidade;
- A criação de espaços especializados em crianças portadoras de necessidades especiais.

As propostas formuladas têm como princípios:

- Valorizar os profissionais dedicados à Educação Infantil que têm como aprendizado a experiência de anos de prática junto às crianças; profissionais que, muitas vezes nascidos e criados na comunidade, conhecem e vivem a fundo a realidade, a história e as necessidades locais;
- Valorizar os profissionais de formação acadêmica residentes na Rocinha (pedagogos, nutricionistas, assistentes sociais, por exemplo);
- Entender a creche, a escola ou o centro de recreação, como espaços de desenvolvimento comunitário;
- Integrar as diferentes instituições de ensino da Rocinha;
- Estabelecer e fortalecer as parcerias já existentes entre instituições dedicadas à Educação Infantil na Rocinha, na medida em que atuam com a mesma clientela e vivenciam impasses e necessidades comuns;
- Alavancar ações coletivas que favoreçam a união das instituições em torno de questões comuns e ampliem perspectivas e possibilidades de conquistas para todos;
- Entender a diversidade como recurso educativo para a comunidade e para a escola: novos modelos de participação e cidadania;
- Buscar a aproximação permanente com a família, trazendo-a a participar do processo educacional das crianças;
- Valorizar a memória e a identidade da comunidade;
- Valorizar o desenvolvimento local e a solidariedade;
- Ter a Educação Infantil como prioridade.

Fonte norteadora da elaboração dos princípios acima descritos, destacam-se do Estatuto da Criança e do Adolescente os seguintes artigos:

Art. 4 É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 15 A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 17 O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art.18 É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Síntese conclusiva

Segundo estimativas produzidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, um dos maiores desafios do Plano Nacional de Educação está na necessidade de elevar de 756 mil para 4,3 milhões o número de crianças nas creches públicas do país.

Este breve histórico, aponta para a importância de tornar visíveis as iniciativas comunitárias e particulares relacionadas à Educação Infantil que vêm sendo criadas e mantidas pela perseverança de anônimos, que conhecem a realidade diária e suprem o vazio deixado por uma política pública não inclusiva e não comprometida com o desenvolvimento sócio-cultural e com uma educação transformadora.

O presente documento vem propor um debate entre os profissionais ligados à Educação Infantil na comunidade, o poder público e a sociedade civil organizada que possibilite a produção de um diagnóstico da realidade da Rocinha, contextualizada na cidade e no estado do Rio de Janeiro, na busca conjunta de soluções para as inúmeras questões que envolvem a criança e sua ampla formação.

Fontes e Bibliografia

Arquivo ASPA

- Trabalho de comparação de dados do censo de 1991 e 2002 do IBGE / IPEA
- Guia da Rocinha, 1985
- Oliveira, Zilma Ramos. Os primeiros passos da história da Educação Infantil no Brasil. In: Educação Infantil: Fundamentos e métodos. Editora Cortez
- Moretz-Sohn, Rocinha: lição de educação comunitária. Jornal O Globo, Caderno Barra, 27 de julho de 1989.
- A favela zona sul. In: Revista Veja, Cidades, 09 de agosto de 1978.

Depoimentos

- Entrevista com moradores ao longo do ano de 2004

Sites

- Ministério da Educação, setembro de 2004
- Discurso de representante da UNESCO no Encontro de Cuiabá sobre Cidades educadoras

Bibliografia

- Costa, Beatriz. Pertinência, atualidade e importância política das referências da Educação Popular do surgimento aos desafios atuais. In: Oliveira, Antônio Carlos; Rocha, Regina e Vieira Vera. Educação Popular: prática plural. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa e Assessoria em Educação; São Paulo: Rede Mulher de Educação, 2000
- Tempo e Presença, número 272, nov-dez/93: 18. Apud: Costa, Beatriz. Pertinência, atualidade e importância política das referências da Educação Popular do surgimento aos desafios atuais. In: Oliveira, Antônio Carlos; Rocha, Regina e Vieira Vera. Educação Popular: prática plural. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa e Assessoria em Educação; São Paulo: Rede Mulher de Educação, 2000
- Silva, Eduardo. As camélias do Leblon e a abolição da escravatura. São Paulo: Cia das letras, 2003.
- Sousa, Sônia M. Gomes e Rizzini, Irene (Coord.). Desenhos de família. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.
- Segala, Lygia e Silva, Tania Regina(org). Varal de Lembranças: Histórias da Rocinha. União Pró-Melhoramentos da Rocinha e Tempo e Presença/ SEC/ MEC/FNDE. Rio de Janeiro: Tempo e Presença Editora, 1983.